

arqqa

QUITETURA E ARTE

set|out 2012 | €11,00

Contrastes Africanos

er Rich

bédo Francis Kéré

hassociati

ero Wolff

Forjaz

a Lopes

nc + Rootstudio

itecture for Humanity

eo Ferroni + eLand

manuel Fernandes

ebel

Adjaye

iku

bert

arren

agati

Moreira

es 2012



47-077X



GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

O. Reconheci África, local onde nasci, numa recente viagem. Numa altura em que vários agentes nacionais constroem em países como Moçambique, pareceu-me relevante partilhar a minha reflexão sobre a essência da prática profissional – o “Projeto”. Um exercício de sistematização provisória. Esta reflexão inclui as respostas a uma entrevista sobre métodos de projeto para que fui recentemente convidado por Dolores Muniz Sanín, incluindo indagações sobre processos pessoais e práticas reais de projeto; pondo ênfase nas fases, procedimentos, técnicas e ferramentas. Recordo também a minha atividade passada como professor de projeto e a paixão dos alunos no seu primeiro contacto com este vínculo à prática profissional. Denota, por último, ter sido recentemente pai pela primeira vez, o que nos impele a reflexões epistemológicas. Circunscrito na escrita académica e argumentação crítica, sinto que frequentemente perdemos a liberdade da intuição imediata dos sentidos. Antes de mais, projeto é conhecer e partilhar “visões do mundo”. Na etimologia de projeto – *progetto* – o próprio prefixo “pro” remete para uma projeção de algo em devir, que se representa para conhecer, compreendendo a proposta de formas de habitar mais que simplesmente formas construídas. Perante a crise que Portugal atravessa, África e outros destinos são vistos como promessas de mercados emergentes. No entanto, em conversa com muitos colegas, frequentemente constato uma postura elitista, que pretende transferir e replicar práticas nacionais descontextualizadas numa circunstância totalmente distinta. Neste sentido, pensar o projeto enquanto obra aberta, complexidade rizomática e, na prática, vivê-lo, pode permitir posturas mais lúcidas e produtivas.

1. O projeto – base da práxis arquitetónica – é efetivamente um processo. Convencionalmente, este processo é faseado - anteprojecto, projeto base e projeto para execução – ainda que o facto de todas as fases possuírem em comum tal denominação, torna possível falar de projeto como metaprojecto, projeto enquanto processo de projetos. A componente da análise é o principal motor de arranque do projeto, mas essa encontra-se com diferentes intensidades em qualquer uma das fases. Podemos ver o processo de projetos como uma sobreposição de sequências: análise-crítica, análise-síntese, análise-concretização.

2+3+5. Numa fase inicial, em que a componente de análise tem enorme presença, pretende-se estabelecer as condições do projeto; considerando-se convencionalmente para tal a circunstância - o local (disponível e envolvente), a realidade sociocultural, as condições técnicas e financeiras disponíveis -; assim como o objetivo (programa a assegurar) e, numa dimensão conceptual, também a problemática disciplinar, e o manancial simbólico disciplinar (linguagem) que se pretende explorar. Esta fase faz uma circunscrição, ainda que de forma provisória, às condições prévias à criação e resolução. Nas fases posteriores esta proto-análise é repensada e reformulada, sobrepondo-se-lhe a abertura de outras análises.

4. Muitas técnicas e ferramentas são disponibilizadas para tais processos. Desde logo, o contacto e diálogo com o cliente-usuário, com o intuito de humildade aceder às suas (conhecidas e desconhecidas)

necessidades. O contacto com o local, mediante visitas e registo (desenhado ou fotográfico), possibilita construir uma imagem pesada do seu *genius loci* (em si um mito), assim como diagnosticar as necessidades morfológicas e experienciais base de uma transformação que o potencia. Este diagnóstico morfológico e experiencial, inclui uma imersão na realidade sociocultural, incorporando a ponderação das condições técnicas e financeiras disponíveis. Múltiplas técnicas e instrumentos podem ser usados, de ordem quantitativa e qualitativa, resultando na constituição de uma construção mental-pessoal da circunstância.

6+7. A análise inicial é simultânea a uma construção balizadora proposta. A desocultação dessa ideia é em si uma experimentação corrente de múltiplas ideias. Trata-se de uma construção ideológica mais uma vez aberta, necessariamente evolucionária.

8+9. A constituição e exploração, mais que busca de ideias, recorre a múltiplas fontes, assim como referentes, conscientes e inconscientes.

9. Mais uma vez, a síntese de ideias pode envolver múltiplas técnicas ou ferramentas, que vão do arquétipo à escrita, do *ready-made* à colagem ou bricolage.

10. A ideia surge e apresenta-se, no meu caso, como conceito, não que forma.

11+12. O conceito é um híbrido aglutinador da nossa construção da circunstância e da nossa construção ideológica da proposta.

13. Tais conceitos podem ser visualizados formalmente, e frequentemente o são, ainda que nem sempre imediatamente, e com forma única e clara, mas topológica.

14. A fase de formalização é pois aberta e evolucionária, como a fase de análise e/ou de conceptualização. Trata-se obviamente de um passo importante no processo projetual, uma vez que aqui se antecipa prototipicamente um resultado final de uma construção material. É o que constitui habitualmente uma meta final.

15. Aqui, a composição, geometria, definição formal, volumétrica sobretudo, espacial, é importante, assim como a habilidade para resultar num modelo, num espaço que luta por aglutinar a totalidade do anteriormente descrito, e cuja genética, mesmo que alguns a abandonada, não deixará de estar presente nem que seja em contínuo plano, em negativo e, no limite, oposição.

16. Múltiplas técnicas e ferramentas são nesta fase possíveis, habitualmente o desenho ou a imagética analógica ou digital.

18. A dimensão tecnológica e construtiva é algo presente desde o início, mas que influencia a formalização decisivamente.

19. A fase tecnológica e construtiva é reformulada numa tentativa de atualizar a própria virtualidade (i.e. potência) do projeto, ganhando relevo incontornável com o avançar do projeto.

A importância deste procedimento é obviamente decisiva num processo que ambicione uma concretização no real.

20+21. Tal procedimento pressupõe múltiplas técnicas e ferramentas que habitualmente incluem a pormenorização, a definição estrutural e a antevisão do estaleiro para a edificação.



gressiva sistematização construtiva finaliza-se com o relato da
ção e sua eventual concretização.

suma, o processo de Projeto pressupõe um método, aprendido
acto com a tradição disciplinar, mas sobretudo desconstruído
da vida profissional, único e (mais do que objetivamente
sível), partilhável.

istência de um (meta)método, instável, evolutivo e
lamente provisório, facilita a gestão da nossa práxis
nica, repleta de desafios e enigmas.

ua efemeridade, a existência de um método, consciente ou
nte, é o que paradoxalmente nos permite projetar e controlar o
de projetos.

gressiva clarificação e consciencialização desse método,
nos eventualmente capacidade crítica, durante e após o projeto,
ua vivência e resultados.

que "estabelecer uma metodologia para os processos de

projeto", tarefa já tratada por múltiplas ocorrências históricas – da
"tratadística" aos "*Design methods*" - deve-se viver o projeto, porque a
Arquitetura está e decorre da própria vida.

28. A ambição de cientificar metodologias de projeto, ainda que possa
servir realidades profissionais proficuas, e eventualmente necessidades
académicas, resvala para uma relativa inocuidade futura. O futuro não
se conhece; e mais que ambicionar conhecer o real, devemos centrar-
nos numa disponibilização para o buraco negro que é o conhecimento.
Cada projeto é um ato de conhecimento presente que ambiciona
um futuro em devir. Frequentemente revela-se em desilusão, se não
entendermos cada projeto, não como serviço mas como conhecimento
aberto. Conhecimento dos outros, e de nós enquanto profissionais, e de
uma arquitetura de "A" grande. Uma Arquitetura cuja totalidade sempre
nos será impossível de abarcar na nossa finitude do ser arquitetos aqui
e agora. A circunstância real permanece-nos sempre distante, em cada
projeto, e os processo de projeto como um permanente "outro". ■